

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ASPECTOS CULTURAIS DA CONVIVÊNCIA ENTRE GAÚCHOS E BAIANOS NA CIDADE DE BARREIRAS-BA

CULTURAL ASPECTS OF THE COEXISTENCE BETWEEN GAÚCHOS AND BAIANOS IN THE CITY OF BARREIRAS-BA

Sandra da Cunha Barbosa Nogueira¹
Darcilia Marindir Pinto Simões²

RESUMO: A cultura é um importante registro da identidade de um povo, meio para entender diferenças linguísticas, ideológicas e sociais de uma determinada região. Quando se fala em cultura brasileira, um emaranhado de diversas manifestações se apresenta, culturas com suas particularidades históricas e sociais, com diferentes heranças culturais em todas as regiões do país. Comumente faz-se menção a eventos típicos de moradores de certas regiões do país. Nesse trabalho, são salientados os baianos, catarinenses, paranaenses e os gaúchos, que se encontram na região do oeste baiano, mais precisamente na cidade de Barreiras na Bahia. Suas festas e comidas como formas extremamente ricas de abordagem cultural e identitária. Através do interdiscurso é possível esclarecer o que já foi dito sobre a figura do baiano e a do gaúcho, determinando, assim, os efeitos de sentido evocados através imagens e falas. O objetivo desse trabalho é apresentar aspectos culturais de ambas as regiões que coexistem e a aparente sobreposição da cultura gaúcha à baiana. A convivência, geralmente, é construída a partir de representações simbólicas próprias de uma ou outra região, que, em muitos dos casos, evocam outros discursos sócio historicamente marcados, seja pelo rebaixamento, seja pelo preconceito em relação à cultura a determinado aspecto cultural. No que concerne à função das manifestações culturais, há certo consenso de que seu propósito é “transmitir”, “perpetuar” práticas significativas de determinada sociedade. Porém essa não é a única finalidade dessas práticas.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Regionalidade. Interdiscurso.

Abstract: Culture is an important record of the identity of a people, a means to understand linguistic, ideological and social differences in a given region. When talking about Brazilian culture, a tangle of diverse manifestations presents itself, cultures with their historical and social

¹Aluna regular do programa de pós-graduação strictu-sensu da Universidade Estadual de Goiás campus Cora Coralina; turma 2021.1. E-mail: sandra.barbosa@aluno.ueg.br.

²Orientadora Titular e Língua Portuguesa – PPG/UERJ. Professora de Língua e Linguística do POSLLI-UEG. Líder SELEPROT (CNPq). Membro do NUPEQ – Núcleo de Pesquisas em Quadrinhos (UEMS). Coordenadora dos Projetos DIALOGARTS e LABSEM. E-mail: darciliasimoes@gmail.com.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

particularities, with different cultural heritages in all regions of the country. Mention is commonly made of events typical of residents of certain regions of the country. In this work, the Bahians, Santa Catarina, Paraná and the Gauchos, who are in the western region of Bahia, more precisely in the city of Barreiras in Bahia, are highlighted. Its parties and meals as extremely rich forms of cultural and identity approach. Through the interdiscourse it is possible to clarify what has already been said about the figure of the Bahian and the gaucho, thus determining the effects of meaning evoked through images and speeches. The objective of this work is to present cultural aspects of both regions that coexist and the apparent overlap of the gaucho and baiana cultures. Coexistence is generally constructed from symbolic representations typical of one or another region, which, in many cases, evoke other socio-historically marked discourses, either by demotion or by prejudice in relation to culture and a certain cultural aspect. With regard to the function of cultural manifestations, there is a certain consensus that their purpose is to “transmit”, “perpetuate” significant practices of a given society. However, this is not the only purpose of these practices.

Keywords: Culture. Identity. Regionality. Interdiscourse.

1 Introdução

Mais do que um país de grandes extensões territoriais, variações climáticas e populacionais, o Brasil comporta uma vastidão de culturas que o coloca, certamente, entre os países de maior riqueza cultural do mundo. Esse emaranhado de diversas culturas tem suas particularidades históricas e sociais, com diferentes heranças culturais em todas as regiões do país. São diversos os exemplos dessa variedade, como os diferentes sotaques e expressões linguísticas conferidas à língua materna nacional, demonstrando que elementos histórico-culturais distintos podem ter influenciado o modo de ser e de se expressar da população em várias regiões brasileiras (RODRIGUES, 2008).

O presente trabalho tem como objetivo relatar alguns aspectos culturais entre as duas culturas regionais muito ilustrativas no cenário brasileiro: a baiana e a gaúcha. Sob a ótica da convivência entre esses povos tão distintos, serão apresentados quadros, situações que revelam como duas culturas tão diferentes mas fortes na mesma proporção se encontram e promovem um verdadeiro tributo à diferença, com claras tendências de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

predominância de uma em detrimento da outra, mas os fatos, o discurso e os símbolos são capazes de confirmar a preciosidade de ambas.

Nesse artigo, o termo “gaúcho” fará referência a todos os sulistas pois são genericamente assim chamados todos os imigrantes que vieram do sul para o oeste baiano, principalmente no *boom* migratório iniciado na década de 80 e estimulado pela exploração das terras na “última fronteira agrícola”.

2 Desenvolvimento

2.1 O processo migratório

É sabido que, desde os tempos mais remotos, o homem migra por diversas razões, o que nos caracteriza, em alguma medida, como migrantes. Na contemporaneidade, o mundo assiste, e reage, estupefato a um dos maiores fenômenos migratórios dos últimos 100 anos (ZAMBERLAN et al., 2014), mais complexo e mais diversificado, permeado por mobilidades forçadas, originadas por diversos fatores, como: globalização econômica excludente; elevação gradativa de desigualdades entre países do Norte e do Sul; barreiras protecionistas dificultando a competitividade de países emergentes no mercado; propagação de conflitos e guerras; terrorismo; urbanização; narcotráfico, violência e crime organizado; questões étnico-religiosas; mega projetos da construção civil e serviços em geral; catástrofes naturais e situações ambientais, busca por condições melhores de vida e de trabalho, dentre outros (MILESI; MARINUCCI, 2005).

Segundo Delfim (2017, s.p.):

Os movimentos migratórios marcam as sociedades, para além das situações emergenciais, que não cessam e que precisam de devida e responsável atenção com intenção de ações e efeitos a médio e longo prazo. O mundo aguarda com expectativa que tenha êxito o esforço a nível das Nações Unidas, onde se trabalha por um Pacto Global sobre

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Migrações, previsto para ser votado na Assembleia Geral da ONU em 2018. Entretanto, junto com o empenho por uma migração segura, cabe reconhecer que a mobilidade humana é fator de desenvolvimento e de transformação, em todas as dimensões do humano.

Para Dantas (2019, s.p.),

Adentrar um outro universo cultural não é tarefa fácil. Os contatos interculturais apresentam desafios subjetivos profundos tanto para quem migra como para as sociedades que recebem os novos grupos. A Interculturalidade é um termo que assinala uma dimensão de interação, contato entre pessoas de culturas distintas e de universos simbólicos compartilhados. Os estudos interculturais apontam que as diferenças culturais são em geral antes um fator de conflito do que de sinergia.

O indivíduo, ao se mudar para uma outra cultura, uma outra sociedade, coloca em prova todo o seu modo de agir, de ser e de pensar sobre o mundo. Quando um indivíduo vai morar em um local diferente de sua cultura e costumes, ocorre um rompimento expressivo de suas referências, de pertencimento ao local que o cerca.

Nos anos de 1978 a 1979 Foucault ministrou no *Collège de France* o curso “O nascimento da Biopolítica” no qual aborda os problemas que se revelam quando um conjunto de indivíduos constituem uma população, são problemas que envolvem: raça, longevidade, natalidade saúde e higiene (FOUCAULT, 2008).

O realce aqui será sobre aspecto do saneamento básico que interfere diretamente na saúde, higiene e conseqüentemente na longevidade da população. Essa problemática não desaparece ainda que o fenômeno se dê em uma cidade de um país em outro continente. Em Barreiras-BA, a formação da população após o estrondoso processo migratório colocou em evidência as diferentes simbologias do que significa ser gaúcho (sulista) e ser baiano na cidade.

A composição geográfica e a segmentação espacial da cidade é alterada, surgindo o bairro com a designação do gentílico gaúcho para receber os moradores com maior

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

poder econômico e influência cultural mais forte e justamente por isso é também alvo de melhorias advindas do poder público.

Segundo Haesbaert (1997, p.184):

(...) o “bairro dos Gaúchos” revelou-se o caso mais evidente, à escala local, intra-urbana, da segregação socioespacial criada a partir da chegada dos sulistas. Sua condição de bairro ficava razoavelmente definida pela coesão de interesses de seus habitantes, pela identidade cultural e de classe que partilhavam (seu conteúdo composicional) e pelas iniciativas conjuntas que mobilizavam os moradores redundando em maior empatia com o bairro.

O objetivo primaz do surgimento do bairro foi evidentemente segundo Haesbaert (1997, p. 184), “aglutinar os conterrâneos sulistas e afastá-los da sujeira e desorganização dos nordestinos”. Ou seja, os nordestinos deveriam ser os únicos obrigados a conviver com as mazelas e problemas cujas soluções nem sempre estão nas mãos dos indivíduos que compõem essa população, pois, ainda segundo Haesbaert, enquanto as demais áreas da cidade conviviam com esgoto a céu aberto e ruas sem pavimentação. “O bairro apresentava ruas asfaltadas e casas de alto padrão, praticamente todas com fossa sanitária, numa cidade que até 1993 não possuía rede de esgoto” (HAESBAERT, 1997, p. 186).

Essa imagem de segregação ocorre com participação ativa do poder político que acionado pelas novos habitantes, atende à demanda alegando que os recém-chegados oferecem contrapartidas e responsabilizam-se por parte dos gastos, conforme Haesbaert (1997, p.187):

Políticos baianos, como o então prefeito Paulo Braga, que entrevistamos em 1991, tentavam minimizar a segregação: “(...) existe um bairro chamado vila Regina onde existe uma concentração maior de gaúchos, é um bairro novo, e como eles procuraram a prefeitura e fizeram um programa de contribuição de melhoria para asfaltamento, muita gente dizia: não, ali é o bairro dos gaúchos, mas na realidade tem muitos baianos também, nativos(...).Mas não deixa de ser um bairro de predominância de gaúchos, pode ser até que o termo seja justificado.”

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Assim, ao colocar seletivamente os “corpos” dos gaúchos, limpos e ricos, em um local onde esteja a salvo do incômodo cheiro de esgoto que acomete as demais áreas da cidade, o governo local detentor do poder, ordena os corpos de forma a manter o controle sobre o destino da população (FOUCAULT, 1996), e assim evitar, o suposto caos a que a humanidade está destinada, caso não haja a intervenção do estado.

Em “Microfísica do poder”, Foucault (2005, p.11) afirma que,

Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território.

É no articulado uso desse conjunto de atributos do saber que se obtém como resultado um conveniente direcionamento de corpos e ações previamente escolhidas para fins e lugares distintos assegurando a continuidade da dominação pelo saber e a hierarquização da cidade. A ordem da cidade mantida sob controle pelos detentores de saber político-estratégico apresenta-se como um eufemismo para o estado de segregação que se instaura no seio da sociedade barreirense.

Para Moreira e Bezerra (2021, p. 29), “o corpo social, mesmo em suas instâncias mais subjetivas, surge por meio da materialidade do poder e suas inúmeras técnicas, que são consequência de processos sociais e históricos”, e ao longo da história da humanidade, as migrações, independente das motivações que as fomentam, funcionaram como impulsionador de novos corpos sociais, que se formam a partir do encontro de diferentes.

2.2 Cultura gaúcha e cultura baiana

Segundo Rodrigues (2008), a cultura brasileira é um complexo multicultural, em que coexistem diversas culturas que pressupõem análises diferenciadas, devendo-se levar

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

em consideração as singularidades e as origens de cada região. A multiplicidade de culturas existente no país revela-se na imagem que os outros países têm em relação ao Brasil, bem como no nível regional e local, aí compreendidas as variadas percepções que as diversas regiões do território possuem umas das outras.

Segundo Haesbaert (1997), baianos e gaúchos, sendo estes últimos o genérico para os sulistas no oeste baiano, são distintos em suas origens, mas compõem a base da formação cultural do Brasil.

Eles parecem de fato constituir dois polos na formação cultural do Brasil: o grupo com maior influência europeia e o grupo (tomado em seu conjunto), com maior influência africana, associados no senso comum, respectivamente, a uma sociedade moderna, “racional” e a uma sociedade mais tradicional, “afetiva” (HAESBAERT, 1997, p.27).

Para Morin (2007), o encontro de culturas é fundamental para a produção de novos saberes e hábitos dos indivíduos, é na interculturalidade que se consolidam aspectos essenciais das culturas que se encontram formando assim uma sociedade.

(...) uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam senão dispusessem da instrução, da linguagem e da cultura. (...) o processo social é um círculo produtivo ininterrupto no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz (MORIN, 2007, p.182).

Sobre a cultura baiana, amplamente conhecida pelas influências da cultura africana, manifestadas na religiosidade, na musicalidade, ou na culinária típica, regada aos sabores do acarajé, do vatapá, do mungunzá, sabe-se que não é possível resumir sua riqueza e diversidade a esses referenciais.

A cultura baiana contempla, naturalmente, expressões de outras matrizes culturais, dentre as quais, por exemplo, a presente no interior do estado, em que, mais

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

especificamente, se destaca a cultura sertaneja, muito conhecida pelas imagens típicas do sertão, como o vaqueiro e a culinária típica regional, da qual a carne seca, o feijão de corda, a manteiga de garrafa, entre outros, são elementos característicos. É expressiva, também, a cultura do recôncavo, onde o samba de roda é um forte símbolo dentre outras festas populares da região (RODRIGUES, 2008).

No entanto, para uma moradora de Barreiras cuja declaração a respeito da cultura dos baianos foi registrada por Haesbaert (1997, p.181) o que mais se destaca é o fato de: “A cultura deles? É esgoto a céu aberto pra gente cheirar, essa é a cultura deles”, indignada com o morador nordestino do bairro, seu vizinho, que não havia construído fossa séptica e jogava o esgoto diretamente na rua.

Da mesma forma, na cultura gaúcha, ainda que determinadas manifestações culturais sejam mais difundidas do que outras, coexistem, nessa região, elementos distintos, não se limitando à devoção ao churrasco e à erva-mate, por exemplo, a riqueza da culinária regional gaúcha, assim como não só a milonga ou o vanerão reproduzem a musicalidade local. Notadamente há nessa região o predomínio de influências europeias, fruto do histórico processo de colonização do nosso país que devido às dimensões continentais recebeu povos de diferentes origens que compõem nosso mosaico cultural. Os sulistas segundo Haesbaert 1997, de caráter tradicional e conservador e sempre avaliada como positiva.

O espectro de qualificações culturais atribuídas a baianos e gaúchos, segundo Haesbaert (1997), é distinto e tendem à maior valorização dos gaúchos pelos próprios baianos, conforme indicações observadas no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Espectro de qualificações culturais atribuídas a baianos e gaúchos

“Gaúcho”	“Baiano”
----------	----------

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Inteligência	“Burrice”
Trabalho	Preguiça, festa
Ambição	Despretensão
“Esperteza”	Simplicidade; ingenuidade
,Agressividade	Modéstia, meiguice
Dureza rigidez	Tolerância (com “ginga”, “arrodeios”)
Conservadorismo	Liberalidade
Limpeza, ordem	Sujeira, desordem

Fonte: Haesbaert (1997)

A divergência na visão apresentada sobre os agora convivas, confirma a tendência de que os gaúchos são tradicionalmente vistos como mais modernos e arrojados, e por isso, capazes de desempenhar o papel de bravo conquistador e estabelecer sua cultura onde chega.

Essas descrições demonstram uma autodepreciação dos baianos frente aos arroubos dominadores dos gaúchos, para os quais, parece não haver obstáculos capazes de conter a sanha conquistadora que os acompanha. Ao compor essas imagens tão díspares de indivíduos que formam uma mesma população é como se elas pudessem ser contempladas à luz do que apresenta Milanez (2013, p.348),

As imagens dentro de mim e que são compartilhadas, modificadas, invertidas, apagadas e reinventadas pelo seio sociocultural histórico não são somente minhas em particular, mas fazem parte de uma coletividade que quer acreditar que elas seriam únicas.

E revelar a forte influência social na transmissão de cultura e assim, a imagem que o baiano passa a fazer de si, é um retrato predominantemente negativo. A imagem do baiano, agora reinventada após a chegada dos gaúchos não mantém o vigor e resistência

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

próprio do nordestino, é agora uma perspectiva tênue de revelar um novo baiano, reinventado a partir das novas possibilidades auferidas pelo convívio sociocultural com os sulistas.

2.3 Interculturalidade

Leal (2019) relata que as relações culturais são por natureza relações interculturais, uma vez que estão embasadas em interações sociais endógenas e exógenas. As endógenas são adquiridas pelo homem através do seu grupo social em processos de natureza interna em que absorve saberes, costumes, a língua, tradições, ritos e mitos. Já as exógenas se dão por meio do contato e relacionamento com outras culturas, através do comércio, da expansão territorial, intercâmbio de bens, alianças, entre outros aspectos.

Os movimentos populacionais sempre geraram relações entre as culturas, independentemente das motivações de tais fluxos. Por isso, as relações interculturais estiveram presentes nas sociedades muito antes da globalização, uma vez que “quando uma sociedade ou um grupo interage com outros, estamos invariavelmente na presença de contato cultural e com isso relações interculturais” (LEAL, 2019, p.84).

Para pensar a Interculturalidade, retomamos a discussão levada a cabo por Canclini, que ressalta as diferenças entre abordagens multiculturais e interculturais, afirmando que,

De um mundo multicultural – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outro intercultural globalizado. Sob concepções multiculturais se admite a diversidade de culturas, destacando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que costumam reforçar a segregação. Por outro lado, interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, o que acontece quando os grupos entram em relações e intercâmbios. Os dois termos desencadeiam modos de produção social: multiculturalidade supõe a aceitação do heterogêneo; a interculturalidade implica que os diferentes

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

são o que são, em relações de negociação, conflito e trocas recíprocas (CANCLINI, 2009, p. 17).

Essa força socializadora traz consigo dispositivos de diferenciação e reconhecimento, delimitando assim sua identidade social. Esses limites da identidade são demarcados nas práticas e nas percepções dos que compartilham o ambiente social formando assim suas fronteiras identitárias:

Considerando que toda a identificação é ao mesmo tempo diferenciação, no processo de identificação o essencial é a vontade de marcar os limites entre ‘eles’ e ‘nós’ e, imediatamente, de estabelecer e manter o que chamamos de fronteira. A fronteira resulta de um compromisso entre o que o grupo pretende marcar e o que os outros querem lhe designar, uma vez que estamos nos referindo a uma fronteira social, simbólica (BERLATTO, 2009, p.149).

Segundo Hall (2006, p.70) “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura feitos no interior dos discursos da cultura e da história”. A carga semiótica é de grande importância na construção e socialização dos indivíduos, em especial no desenvolvimento de uma identidade (MACIEL, 2005). Sobre as duas culturas envolvidas e também as duas festividades carregadas de imagens que melhor as identificam, na Bahia a festa de São João, cujo ícone é a fogueira, celebração efusiva e tipicamente nordestina que Cardoso (2016, p.28), assim apresenta:

O São João se inicia bem antes do dia 24 de junho, dia do santo, quando acontecem os ensaios em escolas, ginásios, ruas e praças públicas. Em Barreiras, na praça Landolfo Alves ou no Parque de Exposição as quadrilhas se apresentam com temas, vestuário e cenários variados com temáticas alusivas ao sertão nordestino.

E a Semana Farroupilha, festa que visa mostrar aos convivas os símbolos gaúchos como : a Bandeira, o Brasão de Armas, o Hino, a Erva-mate, a ave Quero-quero, a flor

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Brinco-de-princesa, o Cavalo Crioulo, a planta Macela, o Chimarrão e o Churrasco que, segundo Gomes e Berg (2013, p. 728),

É maior festa popular sul rio-grandense e foi criada com o objetivo de divulgar os símbolos do Rio Grande do sul, estimular as pessoas a entoarem o hino, promover ações que incentivem a busca pelo conhecimento da história do Estado, a fim de fortalecer os traços identitários.

No oeste baiano, a cidade de Barreiras tem, anualmente, sido palco dos dois eventos, tecendo assim uma trama na qual ganha relevo as iguarias servidas em cada momento. Os costumes, as músicas, as danças, as práticas da gastronomia e hábitos específicos desses eventos festivos, são passados de geração para geração, imprimindo na memória dos indivíduos imagens que remetem à noção de intericonicidade elaborada por Courtine (2005), segundo a qual, essas imagens ganham sentidos diferentes a partir da comparação traçada pelos indivíduos que as contempla.

Ao conhecer a festa de São João, celebração tipicamente nordestina, a imagem que o sulista tem de si, não permite que ele se acomode e aceite passivamente o fato de não fazer uma festa, ainda que alheia à sua cultura, com uma “fogueirona” que se revele melhor e mais bonita que a dos autênticos detentores dessa cultura, a comparação das fogueiras feita pelo sulista, confirma a aura de superioridade conforme Haesbaert (1997. p.181):

No bairro dos Gaúchos até mesmo as festas de São João eram motivo de disputa, visando identificar “quem organizava melhor”, como fica claro nestas declarações de duas moradoras, responsáveis pela festa promovida pelos sulistas: A gente fala mal, mas tem coisa de bom. Eles também têm as tradições deles. Tem muita coisa que é bonita, mas o que é bonito mesmo é o São João deles. No ano passado fizemos festinha aqui na nossa esquina; fecha a rua, coloca mesinhas, cada um leva um prato; só que nós fizemos pra nós, né... Nós ‘tamos mantendo a tradição deles. Eles fazem, também, mas nós organizamos melhor.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Agora eles já ‘tão achando bonita a nossa. Nós organizamos e convidamos todos os que moram aqui. Só que eles ficaram com ciúme, né, porque a gente é mais organizado. (...) Eles não fazem fogueira de São João, como nós, só um foguinho na frente de casa que fica lá, a noite inteira. O nosso costume é aquela fogueirona, né, bonita, quentão, pinhão... (grifos nossos). Me infiltrei na casa deles [para conhecer as festas juninas] e acabamos fazendo festa mais bonita e organizada que a dos baianos.

Para Gregolin (2011, p. 20):

(...) as imagens nunca aparecem isoladas, estão sempre rodeadas de elementos verbais e, portanto, devemos pensar que a relação entre materialidades (verbal e não verbal) é operadora da memória, não se apresenta despida de simbologia e discurso, compete à memória estabelecer os elos que as tornam firmes e definidas. Dessa forma, caminha-se para a noção de discurso de acordo Foucault (1996), não é apenas a manifestação do desejo, mas também aquilo que se deseja, quer seja algo subjetivo, coletivo ou individual.

Por meio da materialização imagética, a aparente supremacia de uma cultura torna-se voraz, não medindo esforços para transpor obstáculos que se apresentam no afã de consolidar sua autoimagem. Tomando a “fogueirinha” como ícone da festa tipicamente baiana, a de São João, e a “fogueirona” como traço da soberba gaúcha compreende-se que essas imagens se apresentam interligadas não apenas pelo apreço de ambos os povos envolvidos, mas pela estreita relação que as une, deixando evidente a intericonicidade entre ambas. Courtine (2011), associa este fato ao que propôs Foucault (2008), a respeito do enunciado envolvendo as imagens, ele surge como exposições interligadas com vistas a manter e compartilhar um *status* através do discurso no qual texto e imagem se completam.

A pesquisa bibliográfica realizada foi analítica de abordagem qualitativa, priorizando as próprias interpretações.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Os textos e relatos considerados para análise nesta pesquisa foram os que constam da obra “Des-territorialização e identidade a rede gaúcha no nordeste, resultado da tese do professor da UFF, Rogério Haesbaert, na obra é apresentado, em detalhes o processo de povoamento e estruturação das cidades de Barreiras/BA e Luís Eduardo Magalhães/BA, nesse artigo, nos detivemos nas informações sobre a cidade de Barreiras-BA.

A escolha se deu pelo fato de ter em sua população grande número de migrante sulistas, que foram em busca de melhores terras para desenvolverem a agrícola, melhorando assim, suas condições econômicas.

3 Conclusão

Os relatos e dados encontrados durante a pesquisa/leitura da obra de Haesbaert Des-territorialização e identidade a rede “gaúcha no nordeste”, apontam diversos costumes tradições que os gaúchos carregam consigo e incorporaram no cotidiano de suas vidas na cidade de Barreiras/BA.

De acordo com Haesbaert (1997), no oeste baiano, eles advogam para o “tradicionalismo” gaúcho o monopólio da tradição, como se somente a sua cultura, os seus costumes e a sua história tivessem valor, valessem a pena ser cultuados, rememorados, como se apenas eles tivessem “origens”, memória, identidade. Num sentido mais amplo, isso reflete a distinção que, eivada de preconceito, separa dois dos principais grupos migrantes do país: o dos sulistas, descendentes de imigrantes europeus, que se dizem os arautos da tradição, e o dos nordestinos que, por contraposição, com uma identidade definida antes de tudo pela falta, aparecem privados até mesmo de história.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A manutenção de um longo viés identitário, pautado em tradições que podem muitas vezes ser consideradas míticas, por mais tênue que se tenha tornado em alguns períodos, é responsável pelo fortalecimento “conservador” da identidade. Assim, uma tendência conservadora é incorporada. Mesmo que tenhamos de nos adaptar a circunstâncias novas (como no confronto dos sulistas com os baianos), “quanto maior for a coerência da experiência com o passado, mais confiança podemos ter em nossos pressupostos” (DOUGLAS, 1976, p. 51-52).

Um dos elementos que distinguem as identidades gaúcha e nordestina está nessa formulação geográfica, muito mais ambígua para o caso nordestino, onde nem mesmo as fronteiras estaduais constituem uma referência-padrão. Enquanto a identidade gaúcha se estende fundamentalmente aos limites de um estado cujas fronteiras foram fixadas ainda no século passado, no Nordeste nem o Polígono das Secas nem o “Nordeste do IBGE” (HAESBAERT, 1997).

O discurso dos “tradicionalistas” do oeste baiano reflete claramente o peso do gauchismo organizado, do culto formalizado às tradições gaúchas empreendido por um movimento *sui generis* no país, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) (HAESBAERT, 1997). É um discurso acompanhado de prática que prima por estabelecer um ambiente fronteiro claro, no qual as prerrogativas dos gaúchos não podem e não irão de forma alguma sucumbir às quase exauridas tentativas baianas de serem preponderantes em seu próprio território. Esse é segundo Foucault (2005), o “discurso do nacionalismo” que busca constituir uma identidade uma vez que para ele, o indivíduo é o resultado de uma relação de poder exercida sobre corpos.

O MTG reivindica nada menos do que “a posição de maior movimento de cultura popular do mundo ocidental, com mais de dois milhões de participantes, mais de 40 festivais de música nativista, envolvendo um público em torno de um milhão de pessoas,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

e vários rodeios”, além de um imenso mercado de produtos vinculados a essas práticas culturais (OLIVEN, 1993, p. 404).

Percebe-se que cultura de um país, de um povo, de uma tribo, não se resume somente à necessidade do homem de sobreviver e perpetuar hábitos. A cultura representa toda sua história, geografia, clima, organização social e crenças. Cada lugar tem suas formas particulares de festejar, celebrar, manifestar-se, em fim, de viver e todos esses momentos estão sempre carregados de simbolismo, história, cultura, entre outros aspectos.

As manifestações culturais e tudo que diz respeito a elas, não é somente uma representação de um povo ou grupo, mas um instrumento que tem se consolidado como um excelente meio de comunicação, pois, ajuda a intermediar experiências entre povos de culturas diferentes, abrindo espaço para invenções, cruzamentos, informações e ampliação do universo cultural em que a população está inserida.

O processo migratório além de promover interação entre culturas provoca, gera novas e ricas comunidades, mostrando a força que a valorização da cultura alheia exerce na interculturalidade, visto que as manifestações originais e suas derivações, incluem diversos aspectos culturais como: crenças, histórias e hábitos. Embora em algumas situações esses processos interativos possam trazer algum desconforto para os indivíduos envolvidos.

Tradicionalmente, o zelo para com a cultura, torna o povo mais forte, arraigado a seus valores e práticas. Não poucas vezes o aspecto econômico surge como facilitador da transmissão cultural na sociedade, no entanto a cultura de cada povo, forjada sob influências diversas e ainda que disponha de poucos recursos financeiros para sua promoção é plenamente digna, deve ser respeitada e preservada. Afinal ela é carregada de subjetividade e uma cultura não pode usurpar o lugar de outra no seio da sociedade.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Referências

BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha**, v.3, n. 5, p.141-151, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/242-Texto%20do%20artigo-760-1-10-20130607.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

CARDOSO, Evanildo Santos. Manifestações da cultura e do sagrado em Barreiras e Angical – Bahia. **Revista Entre-Lugar**, v. 7, n. 13, p. 21–32, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/6635>. Acesso em: 7 jul. 2022.

COURTINE, J.-J. **Discursos e imagens para uma arqueologia do imaginário**. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. (Ed.). *Discurso semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

COURTINE, Jean-Jacques. **Intericonicidade**. Entrevista com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Milanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponível em: <http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso em: 11 jul. 2022.

DANTAS, Sylvia. **Migração e interculturalidade nos tempos atuais**. Publicado em: 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/releases/item/4149-migracao-e-interculturalidade-nos-tempos-atuais>. Acesso em: 07 jul. 2022.

DELFIN, Rodrigo Borges. **O poder da cultura: migrações como oportunidade intercultural**. Publicado em: 19 dez. 2017. Disponível em: <https://migramundo.com/o-poder-da-cultura-migracoes-como-oportunidade-intercultural/>. Acesso em: 07 jul. 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. In: *Microfísica do poder*. 2005. p. 295-295.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France. Edição estabelecida por Michel Senellart; sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, Ana Carolina Rios; BERG, Tiago José. Semana Farroupilha e o 20 de setembro no Rio Grande do Sul: discutindo patrimônio, memória e simbolismo. **Revista Espaço e Geografia**, v. 16, n. 2, p.719-745, 2013. Disponível em: https://kipdf.com/espao-geografia-vol16-n-o-2-2013-719745-issn_5aad0b021723ddfe557e3404.html. Acesso em: 11 jul. 2022.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/>. Acesso em: 08 jul. 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói/RJ: EDUFF - Editora Da Universidade Federal Fluminense. 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEAL, Rosana Eduardo da Silva. A interculturalidade da doçaria brasileira sob a perspectiva de Gilberto Freyre. **Ágora**, v. 21, n. 1, p. 83-92, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12897-Texto%20do%20Artigo-57732-1-10-20190708.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. Mneme. **Revista de Humanidades**, v. 7. n. 18, p. 447-467, 2005.

MILANEZ Nilton. Nilton Milanez Correio. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 35, n. 4, p. 345-355, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/20232-Texto%20do%20artigo-91887-1-10-20130923%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/20232-Texto%20do%20artigo-91887-1-10-20130923%20(1).pdf). Acesso em: 11 jul. 2022.

MILESI, Rosita; MARINUCCI, Roberto. Migrações Internacionais: em busca da cidadania universal. **Revista Sociedade em Debate**, v.11, n.1-2, p.13-37, 2005. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16778/4284>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MOREIRA, Marília Diógenes; BEZERRA, Josenildo Soares. Culto ao corpo e envelhecimento na pós-modernidade: padrões de beleza e discursos no Instagram. **Revista Temática**, v. 17, n.6, p. 44-60, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/59623>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.á

OLIVEN, Ruben George. São Paulo, o Nordeste e o Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, v. 14, n. 2, p. 397-409, 1993. Disponível em: <https://revistas.dee.spgg.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/1618>. Acesso em: 11 jul. 2022.

RODRIGUES, Grace K. M. R. **Culturas Regionais no Brasil: um estudo sobre as percepções mútuas de gaúchos e baianos no ambiente de trabalho**. Dissertação (Mestrado). Mestrado Acadêmico em Administração. Escola de Administração. Salvador/BA, 2008.

ZAMBERLAN, Jurandir; BOCCHI, Lauro; CORSO, Giovanni.; CIMADON, João Marcos. **Os novos rostos da imigração no Brasil – haitianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Editora: Solidus, 2014.